

UM FRAGOROSO SUJEITO

Gabriel Nogueira Maia¹

Paulo Fraga é nosso primo, desses a que a lei não reconhece o *status* de parentes, pra lá que estão do quarto grau; é primo de mamãe. Figura rara, raríssima! É hoje um sexagenário, ou septuagenário, se for tão distante quanto conto nosso último encontro (e se a palavra consta do Volp...). Caso contrário, tomem-no à conta de “um cara passado dos setenta anos”.

Passou-os bem, é forçoso reconhecer, sobretudo para os que os veem pelo prisma material: era sempre pelas suas mãos (e não em anúncios de revista ou publicidade de outra sorte) que me chegava ao conhecimento cada nova façanha tecnológica dos que dedicam a vida a impor-nos novas necessidades. Trago fresca na memória sua empolgação com “esta televisão maravilhosa, diante da qual posso adormecer sem preocupações. Ela desliga sozinha no tempo programado. Querem ver?”. Estrepitoso arauto do novo; mas não é lá que vou.

Tendo-se bacharelado pela Faculdade de Direito, a muito honorável e conhecida “Vetusta Casa de Afonso Pena”, e estando pela casa dos quarenta anos, era desses a que as mães muito solícitas e interessadas em “deixar bem” as filhas conferiam o epíteto de bom partido. Por esse tempo, se não me falha a memória, ou se não lhes falhou aos que me contaram os casos, era Procurador do Estado. Nada procurava, em verdade. Ao ser telefonicamente perturbado por seus colegas de trabalho em impertinente busca no atroz horário das onze da manhã, tinha na mãe, Tia Teté, a verdadeira procuradora, que lhes dizia: “Dr. Paulo está TRABALHANDO!”.

Certa vez deu-se o caso que arranjou namorada, dessas em que os marmanjos deitam os olhos e as cabrochas, amarguradas da melhor figura da moça, a língua! No

¹ Bacharelado em Português da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Teia - nº 3 - Agosto/2011 - crônica.

caso em tela, ao que consta (ainda que nem por isso menos amarguradas), assistia razão às detratoras da moça. Segundo circulava, tinha por hábito conceder seus favores a uma pluralidade de rapazes (se me é dado verter à nossa desprestigiada língua galicismo que me veio outro dia). Acudiu um sempre amigo, uma sentinela da moralidade, alerta:

-Paulinho, essa mulher não presta! Tá de histórias... Cantam no seu terreiro!

E Paulinho, que sequer por ofício entregava-se à verborragia (já sei, não lhes parece meu primo):

-Olha, cabra, melhor dividir um prato de doces com os amigos do que comer um balde de merda sozinho!

Passo ao popular: Isso de chifre são coisas que colocam na sua cabeça!